

Para especialistas, Brasil está longe da “crise asiática”

Para o mercado, há muito mais diferenças do que semelhanças na economia das duas regiões

DENISE NEUMANN
e SUELI CAMPO

O Brasil não é o próximo na fila dos países que podem sofrer um ataque especulativo como o ocorrido no Sudeste Asiático e na República Tcheca, afirma o diretor da área internacional do Banco Prosper, André Petersen. Basta comparar alguns números, diz ele, para concluir que há muito mais diferenças do que semelhanças. Apesar do déficit nas transações correntes estar aumentando, ainda é menor do que os dos países asiáticos.

Para o economista do Banco ING, Mauro Schneider, a situação econômica brasileira está bem mapeada e nada indica que esteja rumando para algo perigoso. As projeções para as contas externas estão melhores em relação ao início do ano e está havendo desaceleração da atividade econômica. Do ponto de vista estrutural, a médio prazo, a situação é frágil, mas no curto prazo não, diz.

“Não tem por que apostar contra quando há tanta coisa para acontecer”, afirma, referindo-se às reformas e ao processo de privatização, que considera muito importante nesse momento. Segundo ele, as variáveis econômicas ajudam a classificar os países na lista dos mais suscetíveis a problemas, mas não determinam quando os problemas vão acontecer.

Outro indicador favorável ao Brasil é o baixo grau de endividamento externo brasileiro, o que torna mais fácil atrair financiamentos no exterior, diz Petersen. A dívida externa representa 25% do Produto Interno Bruto (PIB) enquanto na Tailândia esse endividamento alcançou 60% e, na República Tcheca, que teve sua moeda desvalorizada em maio em 25%, a dívida externa equivale a 46,5% do PIB.

Crise bancária — A taxa de câmbio na Tailândia estava fixa havia seis anos, explica Marcelo Allain, diretor do Departamento Econômico do Banco BMC. Neste período, diz ele, a inflação média anual foi de 6%. “Por isso, a taxa de câmbio ficou muito apreciada”, observa. Além do câmbio, ele aponta como grande diferença a fragilidade do sistema bancário tailândes. Os bancos, disse, carregam carteiras pesadas de financiamentos imobiliários, muitos deles ancorados em moeda estrangeira.

“O governo não fez ajustes antes com receio de detonar uma crise bancária”, observa. Como os contratos foram feitos com base em financiamentos externos, se a moeda local fosse desvalorizada imediatamente o valor dos contratos subiria e a incapacidade de pagamento (inadimplência) explodiria.

Os ajustes do sistema bancário já foram feitos na Venezuela (onde ocorreu uma crise bancária efetiva), Argentina e Brasil. Por isso, diz Allain, os bancos centrais da América Latina possuem maior flexibilidade para organizar a política monetária, sem medo de afetar o sistema financeiro. “O problema aqui é o déficit fiscal”, pondera.

Sistema financeiro frágil também foi a causa do ataque especulativo que a Suécia sofreu em 1992, diz Carlos Kwall, economista-chefe do Citibank. No mesmo ano, a lira italiana foi atacada porque o país tinha déficit público elevado. A Inglaterra, ainda em 1992, estava com a economia deprimida e essa foi a causa dos ataques que sua moeda sofreu.